

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PSICOLOGIA: TRABALHANDO TEMAS TRANSVERSAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Thallita Moreira Ribeiro Cardoso
Mariana Cotrim da Silva
Janaina Cassiano Silva
(Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC)

Resumo

A formação do professor de Psicologia e o desenvolvimento de aulas multidisciplinares com temas transversais nas escolas é um assunto imprescindível para ser trabalhado nas universidades. O objetivo deste trabalho foi analisar a realidade escolar de uma instituição de ensino público e realizar regências em sala de aula. Foram realizadas dez visitas em uma escola municipal da cidade de Catalão/GO, pesquisas bibliográficas, entrevista com a professora e análise do Projeto Político Pedagógico. Através deste trabalho, os resultados indicam que é indispensável que professores, alunos e comunidade escolar se conscientizem da importância da formação do professor em Psicologia, pois esta trouxe às estagiárias a compreensão deste assunto que muitas vezes é pouco referido nas universidades.

Palavras-chave: educação; psicologia; aulas multidisciplinares.

Abstract

Formation of Psychology Teacher: Working Cross-Cutting Issues in the Elementary School

The formation of the Psychology teacher and the development of multidisciplinary lessons with cross-cutting themes in the school is a matter vital to be worked in Universities. The objective of this work was to analyze the reality of a public education institution and perform regencies in the classroom. Ten visits were carried in a school hall of the Catalão city, bibliographical research, interview with the teacher and analysis of the Political Pedagogical Project. Through this work, the results indicate it is essential that teachers, students and school community become aware of the importance of teacher's training in psychology, this brought to the trainees understanding of this subject that often is little mentioned in the universities.

Key-words: Education. Psychology. Multidisciplinary classes.

Introdução

A escola atualmente ocupa um dos principais locais de socialização da sociedade, pois nela a criança conviverá

com outras crianças, desenvolvendo relações afetivas, conviverá também com outros adultos que não são seus familiares e se adaptarão as regras da escola. Além disso, a escola também é responsável pela

transmissão cultural do conhecimento produzido pela humanidade ao longo dos anos e pela difusão de conhecimento (Santos, 2009).

Neste ambiente escolar compreende-se que a entrada do psicólogo tem gerado novas perspectivas e novas possibilidades de atuação para a profissão na medida em que se pauta no desenvolvimento de um trabalho multidisciplinar no contexto educacional. O psicólogo como professor na educação, sobretudo na escola, possui uma variedade de temáticas a serem trabalhadas em sala de aula, que perpassam desde aspectos comuns do cotidiano até dimensões subjetivas de cada aluno.

A importância desse trabalho está baseada na reflexão de Barros (2007) em que o autor afirma que,

O momento educacional atual é um momento com potencial para uma educação outra, o discurso em prol de uma educação para todos possibilita uma reavaliação das finalidades e dos meios educacionais. Uma das forças para a inserção do pensamento psicológico é justamente a proposta de uma educação para as diferenças, contra a discriminação e o preconceito. (Barros, 2007, p. 38)

Observa-se que é salientado a necessidade da admissão do professor de

psicologia no contexto escolar, com o objetivo de gerar cidadãos auto reflexivos e com formação para ter uma leitura crítica no mundo. Percebe-se assim que Psicologia pode auxiliar na construção de cidadania, trabalhando temas em sala de aula como ética, sexualidade, respeito, estrutura familiar, uso de drogas, consciência social etc. (Cirino, Knupp & Lemos, 2007).

Neste sentido, a entrada do psicólogo no âmbito escolar e as diversas possibilidades de atuação, de acordo com uma perspectiva multidisciplinar, em que, um mesmo elemento pode ser estudado por disciplinas diferentes, não ocorrendo a sobreposição de um saber em relação ao outro, mas ambos cooperando em prol da construção de um novo saber (Cardona, 2010).

O desenvolvimento deste relato de experiência ocorreu durante a parte prática da disciplina Estágio Curricular Obrigatório em Formação do Professor de Psicologia I e II, realizada no sétimo e oitavo período do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Assim, este é fruto de observações, análises e intervenções em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola no Sudeste Goiano, no ano de 2015. A referida turma possuía trinta alunos, com faixa etária de 8 a 11 anos.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a realidade escolar de

uma instituição de ensino público e realizar regências em sala de aula. Já os objetivos específicos são: 1) refletir sobre o papel do professor de Psicologia; 2) realizar observações em sala de aula e 3) elaborar plano de aula.

Considerações Preliminares

É considerado de grande valia o desenvolvimento e a reflexão sobre a formação do professor de psicologia no âmbito escolar, bem como sua chegada ao campo e as possíveis formas de atuações. Estes elementos serão discutidos a seguir, com o propósito de ampliar o processo de compreensão acerca da importância do professor de psicologia e quanto ao desenvolvimento de aulas multidisciplinares com temas transversais nas escolas.

A Psicologia Escolar é considerada uma das primeiras áreas de atuação do psicólogo no Brasil, no Século XX. Inicialmente o profissional adotou o modelo clínico de intervenção, principalmente com alunos com queixas escolares, como dificuldade de aprendizagem e comportamento. Sendo assim, uma prática voltada para o tratamento individual, desconsiderando o contexto histórico que o aluno estava inserido. Percebe-se então, uma atuação de forma adaptacionista e psicologizantes, com o objetivo de adaptá-

los a normas e condutas esperadas pela escola (Araújo, 2010).

Após a Psicologia Escolar ter sido fortemente criticada, tanto por pedagogos quanto psicólogos, pelo uso abusivo de testes, pela “hipertrofia da psicologia na educação e o reducionismo dos fatores educacionais e pedagógicos às interpretações psicologizantes” (Antunes, 2008 p.472), os psicólogos passaram a refletir sobre suas práticas, e a considerar aspectos de natureza social, cultural, econômica e pedagógica. Atualmente, o papel do psicólogo na escola é buscar uma intervenção institucional e coletiva, trabalhando com alunos, pais, professores e os demais funcionários da instituição, enfatizando uma perspectiva preventiva, comprometendo-se com as questões sociais e conhecendo a subjetividade que perpassa o ambiente escolar (Araújo, 2010). Além disso, cabe a este profissional trabalhar temáticas como inclusão de pessoas e participar da formulação das políticas públicas educacionais, “problematizando os princípios, os valores e as condições institucionais presentes no cotidiano da escola em que participam todos os envolvidos na comunidade escolar” (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.34).

Outra atuação que o psicólogo pode desenvolver no âmbito escolar é a prática como professor em universidades ou em

disciplinas obrigatórias do ensino médio, porém este último ainda não é incorporado como conteúdo transversal, no campo disciplinar (Soligo & Azzi, 2006). O professor de psicologia tem a função de trazer para a sala de aula um diálogo interdisciplinar, superando a mera reprodução de conhecimentos acabados, fornecendo “outra possibilidade de olhar para as questões e dilemas da contemporaneidade, que faz interface com as demais áreas do conhecimento” (Soligo & Azzi, 2006, p. 5).

Sendo assim, é válido sublinhar as distinções entre Psicologia Escolar e Psicologia Educacional, uma vez que ambas estão intrinsecamente relacionadas, contudo, não são idênticas. Conforme Antunes (2008), a educação pode ser considerada uma prática social humanizadora, intencional, que tem o intuito de transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. Já a escola caracteriza-se como uma instituição criada pelas demandas da sociedade na formação específica de seus membros. Neste sentido, a Psicologia Educacional constitui-se como uma área ou subárea de conhecimento que tem por finalidade produzir saberes sobre o fenômeno psicológico no processo educativo, enquanto a Psicologia Escolar fundamenta-se como campo de atuação profissional que tem no processo de escolarização seu campo de ação, com foco

na escola e nas relações que aí se estabelecem. Esta última encontra-se fundamentada em saberes produzidos principalmente pela subárea da psicologia: a psicologia da educação.

Observa-se que na trajetória histórica do desenvolvimento das relações entre Psicologia e Educação existem vínculos estabelecidos na compreensão dos fenômenos educativos, uma vez que a psicologia como área de conhecimento, pautada na compreensão destes fenômenos, poderá contribuir com a Educação, na medida em que imergir nas questões educacionais, não as excluindo da realidade em que estão inseridas e, a partir desta realidade, buscar condições que contribuam para a solução de tais questões (Sadalla, Bacchiegga, Pina & Wisnivesky, 2002). Desta forma, a relação entre a Psicologia e a Educação tem se constituído como uma temática presente nas discussões e críticas do âmbito educacional no sentido de efetivas contribuições para o desenvolvimento profissional docente.

No ano de 2013 foi formulado pelo Conselho Federal de Psicologia o documento de “Referências Técnicas para a atuação de Psicólogos na Educação Básica”, com a finalidade de construir uma base sólida para a atuação da Psicologia nesta área. A cartilha apresenta inicialmente a dimensão ético-política do psicólogo na educação básica. No contexto em que o

Brasil está inserido, no âmbito do capitalismo é de extrema necessidade o psicólogo conhecer as direções éticas e políticas que norteiam o cotidiano escolar, como para quem e para que a escola funciona. Sendo assim, a psicologia procura se comprometer com democratização da sociedade, incluindo as relações escolares e participando das discussões referentes às temáticas das Políticas Públicas (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

A partir da expansão quantitativa do ensino, a escola se transformou em um lugar heterogêneo, onde, as pessoas possuem individualidades em suas experiências históricas e socioculturais. A escola também é caracterizada como um mercado de serviços, no qual, os alunos são tratados como produtos que precisam ter boa qualidade, e estes são avaliados através de diagnósticos e medicalização. A própria escola em seu cotidiano cria suas próprias referências de normal e patológico, estabiliza valores e legitima pessoas (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

O professor de psicologia ao chegar nesse espaço, investigará as condições históricas sociais e as práticas que constroem o dia a dia desse grupo, além de deslocar as demandas existentes, que muitas vezes são as crianças “problemas”, e trabalhar na formação de novas demandas, deslocando o alvo do individualismo e trazendo para o coletivo escolar. E através

dessas discussões e reflexões, serão criadas novas formas de superar os determinismos sociais, criando-se então um território aberto para questionamentos, indagações e “a permanente produção de sentidos e apropriação de significados sociais” (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.48).

Neste sentido, a prática do professor de psicologia nas escolas também deve apoiar-se em perspectivas preventivas que apontam para o comprometimento deste profissional com transformações no desenvolvimento dos atores envolvidos no processo escolar. Deste modo, conforme a ideia de prevenção “está relacionada à ação de se antecipar a determinado fenômeno com o objetivo de evitar que ele ocorra e de ajustar soluções a possíveis problemáticas.” (Oliveira & Marinho-Araújo, 2009). Vale destacar que o conceito de prevenir não objetiva a adequação e o ajustamento de comportamentos e padrões esperados na escola, uma vez que, deve se considerar fundamentalmente as características histórico e social de cada indivíduo.

A inserção do pensamento psicológico é uma proposta para que a educação se estabeleça através do respeito às diferenças, contra a discriminação e o preconceito. O profissional deste modo deve levar em conta a reflexão e pesquisa sobre a práxis no contexto educacional, como transformadora e produtora de

reflexões que transversalizadas permeiam a compreensão de diversas áreas de conhecimento, levando em consideração que os alunos vivem em uma sociedade plural e globalizada (Barros, 2007; Prestine, 2005).

A educação tem como papel primordial trabalhar em prol do processo de humanização, colaborando para a assimilação dos conhecimentos produzidos na sociedade, além de socializar os conteúdos para que os discentes tenham o acesso ao conhecimento. Algumas possibilidades de atuação do psicólogo no ambiente escolar são destacadas, tais como: a participação e avaliação da formulação do Projeto Político Pedagógico (PPP), enfatizando a subjetividade do ambiente escolar. Sua intervenção no processo ensino-aprendizagem, direcionando o aluno a desenvolver suas potencialidades/habilidades, com a ajuda dos familiares, refletindo assim no papel social da escola e da família (Zendron, Kravchychyn, Fortkamp & Vieira, 2013).

O psicólogo poderá auxiliar os professores trabalhando conteúdos como desenvolvimento e aprendizagem e relações interpessoais. Além de buscar maneiras de viabilizar a inclusão escolar e trabalhar em grupos com os alunos, discutindo temas como sexualidade, violência na escola, questões de gênero, raça etc. Sempre levando em consideração a visão de

sociedade, educação, homem que está guiando sua prática como psicólogo escolar (Zendron *et al.*, 2013).

Falar da escola implica resgatar o papel dos sujeitos sociais e históricos que a constituem enquanto instituição, considerando-os como sujeitos culturalmente diferentes uns dos outros, que participam ativamente deste processo institucional. Partindo desta perspectiva, Dayrell (1996) define a escola como um espaço social próprio, caracterizado institucionalmente por um conjunto de normas e, cotidianamente como uma trama de relações que são fruto da ação recíproca entre sujeito e instituição.

O autor ainda destaca que a escola possui a tendência em considerar seu público como uma clientela homogênea para justificar tanto seu tratamento uniforme quanto a homogeneidade de sua ação. Durante o processo ensino/aprendizagem nota-se o reforço da homogeneização dos conteúdos, ritmos, estratégias, excluindo todas as possibilidades de diversidade existentes em seus alunos. Sendo assim, o autor sublinha a importância da heterogeneidade cultural de sua clientela, uma vez que devem ser considerados sujeitos socioculturais, com visões de mundo, escala de valores, sentimentos, emoções, desejos e hábitos que lhes são próprios e que devem ser

compreendidos em suas diferenças e vivências.

O mesmo autor afirma ainda que a organização do espaço físico é passível de ser recriada e ressignificada pelo grupo escolar, ampliando ou limitando as relações sociais e pedagógicas, na medida em que “os alunos se apropriam dos espaços, que a rigor não lhes pertencem, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade” (Dayrell, 1996, p.147). Assim, os significados da instituição escolar são diferentes para cada um de seus sujeitos, possibilitando que a escola, por sua vez, possa cumprir a sua função social na formação dos cidadãos:

Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem ideias, sentimentos. Potencialmente, permite a aprendizagem de viver em grupo, lidar com a diferença, com o conflito. De uma forma mais restrita ou mais ampla, permite o acesso aos códigos culturais dominantes, necessários para se disputar um espaço no mercado de trabalho. (Dayrell, 1996, p.151)

Diante disso, percebe-se que a atuação do professor de psicologia nas escolas visa formar alunos envolvidos com

a realidade social e política, possuidores de consciência crítica e comprometidos com a cidadania. Desta maneira, esse profissional atua desconstruindo a formação tecnicista, voltada apenas para o mercado de trabalho, e promovendo assim “uma construção para que o sujeito habite e opere mudanças na sociedade” (Klinko & Sekkel, 2010, p. 75).

Metodologia

Esta pesquisa configura-se como pesquisa qualitativa, no qual, “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (Godoy, 1995, p.21). Para tal finalidade o pesquisador vai a campo, possibilitando desta forma, não só uma aproximação com o objeto que se deseja conhecer e estudar, mas também conceber um conhecimento, advindo da realidade presente no campo, ou seja, criar um diálogo com a realidade existente (Neto, 1994).

Minayo (1992) define campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir de concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação. Nesta pesquisa utilizamos como instrumentos para construção dos nossos dados a entrevista e observação

participante. Nosso intento foi analisar a realidade escolar de uma instituição de ensino público e realizar regências em sala de aula.

Foram realizadas oito observações participantes, com duração de quatro horas cada no ano de 2015 em uma escola municipal do Sudoeste Goiano. As observações em sala de aula ocorreram na turma do terceiro ano do ensino fundamental que possuía trinta alunos, com faixa etária de 8 a 11 anos.

As aulas ocorreram no período vespertino das 13h às 17h, ministradas por uma única professora. Foram realizadas sete visitas à instituição, sendo elas: duas para observação geral do funcionamento da escola; cinco para observação do cotidiano em sala de aula. As primeiras observações tiveram o intuito de compreender como se dá a organização da escola, bem como seus costumes e regras.

Já as visitas em sala de aula possibilitaram uma observação acerca de temáticas que poderiam ser trabalhadas posteriormente no período das regências, em que foram destacadas a temática de “Meu corpo, nosso corpo, seu corpo”, em que a partir destas observações, percebemos que os alunos têm o hábito de pronunciar palavrões e colocar apelidos desagradáveis nos colegas, além das brigas presenciadas em sala de aula devido a intrigas que os

alunos faziam dos colegas para a professora.

Neste sentido, a observação participante consistiu em uma das metodologias empregadas neste estudo. Ela permite com que o pesquisador se insira na realidade que pretende estudar, uma vez que “estar no ambiente é uma condição necessária para acessar a fontes de informações importantes e diversas, em campos aparentemente distantes do problema estudado, mas que permitem compreender o fenômeno em toda a sua extensão” (Gerhardt & Silveira, 2009, P.101).

Após as observações participantes, foi utilizada como instrumento para construção dos dados a entrevista semiestruturada, na qual “através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais [...] e se insere como coleta dos fatos relatados pelos autores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (Neto, 1994, p. 57).

A entrevista realizada com a professora consistia em 12 perguntas que abordavam questões sobre as concepções desta acerca de sua função, da função da escola, de ensino e aluno, como é realizado o processo de avaliação, além de verificar o conhecimento que ela possuía sobre o Projeto Político Pedagógico da Instituição e

por fim sugerir quais temáticas que poderiam ser trabalhadas pelo professor de Psicologia na escola. A entrevista foi realizada em sala de aula no horário do recreio no qual uma estagiária conduzia a entrevista e a outra fazia as anotações da mesma, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após este momento foram realizadas a análise do Projeto Político Pedagógico da instituição, a fim de conhecer as propostas de trabalhos que haviam sido construídas e as políticas da escola. Assim, as observações realizadas neste estudo tiveram o intuito de reunir informações, juntamente com a análise do PPP da instituição e entrevista com a professora responsável, para posteriormente elaborar e realizar intervenções em sala de aula.

Em relação à análise dos dados obtidos tanto na entrevista, quanto no PPP da escola, utilizou-se a ferramenta de Análise de Conteúdo, caracterizado como um método que busca realizar a leitura das falas por meio da transcrição de entrevistas, documentos e depoimentos (Gerhardt & Silveira, 2009).

Destarte considera-se esse estudo como pesquisa qualitativa, caracterizada como uma abordagem que não se preocupa com a representatividade numérica de dados, mas sim com o aprofundamento da compreensão de uma determinada

organização ou grupo social investigado (Gerhardt & Silveira, 2009). De tal modo, a pesquisa qualitativa se propõe a estudar a:

(...) objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (Gerhardt & Silveira, 2009, p.32).

Desta forma, após esta etapa de coleta e a análise de dados, foram ministradas três aulas pelas estagiárias, com temas transversais acerca a relação da criança e o corpo. Tal tema foi definido a partir da análise dos dados coletados nas observações, entrevista e investigação do PPP. As aulas ministradas e os temas elencados serão apresentados e discutidos a seguir.

Resultados e Discussões

A prática desenvolvida pelo estágio obrigatório na formação de professor de psicologia esteve pautada em aulas multidisciplinares com temas transversais.

Porém antes dos temas serem propostos para discussão e reflexão em sala de aula foi necessário ater-se às questões que emergiam entre os alunos e professores. Partindo assim do pressuposto de que “um trabalho que geralmente obtém bons resultados é aquele que envolve as turmas de alunos trabalhando no sentido de promover orientação em relação a temáticas que circunscrevem o espaço escolar” (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.61).

Desta forma, as estagiárias ao chegarem na escola investigaram as condições históricas sociais e as práticas que constroem o dia a dia desse grupo, além de deslocar as demandas existentes e trabalhar na formação de novas demandas, deslocando o alvo do individualismo e trazendo para o coletivo escolar (Conselho Federal de Psicologia, 2013). A partir das observações realizadas em sala de aula, da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e da entrevista com o professor, foram percebidas a dinâmica e funcionamento da sala de aula em questão, no qual, foram observadas demandas a acerca do respeito ao próximo e cuidado com o corpo.

A temática “Respeito ao próximo” surgiu primeiramente das observações do cotidiano da sala, onde foi notado a pronúncia de palavrões e apelidos constrangedores, por parte dos alunos,

direcionados aos demais colegas, com frequência em sala. Além disso, os alunos têm o constante hábito de fazer intrigas entre eles mesmos e acusar o colega para o professor.

Já no que tange a análise do PPP, é de extrema necessidade o professor de psicologia conhecer as direções éticas e políticas que norteiam o cotidiano escolar e quais são os objetivos dos projetos desenvolvidos pela mesma (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Por conseguinte, foi analisado o Projeto Consciência Negra, desenvolvido pela escola, que tem como finalidade promover reflexões acerca do respeito à diversidade cultural e ao próximo. Na entrevista realizada com a professora, ela destaca a importância de trabalhar valores humanos como o respeito no convívio entre os alunos, para que possam perceber o outro como humano e assim permitir com ele a troca de experiências.

Já no que se refere à temática “Cuidado com o corpo”, propôs-se trabalhar questões que envolviam o cuidado com as partes do próprio corpo e com o corpo do próximo. Em relação ao cuidado com as partes do corpo, percebemos em sala de aula, que alguns alunos demonstram não apresentar limites ao seu próprio corpo, em que qualquer colega poderia tocar as partes íntimas do outro. Este tema também foi observado nas conversas entre alguns

alunos sobre namoro e brincadeiras de tirar a roupa. Além da professora também destacar, na entrevista, a banalização que é feita do sexo entre os alunos.

Na análise do PPP também foram levantadas questões sobre o contexto do bairro em que a escola está inserida, tratando-se de um bairro periférico em que maioria das famílias pertence à classe de baixa renda, algumas extremamente carentes. Além disso, este bairro apresenta alto índice de violência, prostituição e drogas, que conseqüentemente, influenciam a formação sociocultural dos discentes, expondo-os a esses riscos. Considerando, desta forma, na análise para escolha do tema de regência, a realidade que cerca essas crianças, que muitas vezes não são levadas em consideração pela escola, mesmo estando presente no dia a dia desta.

Assim, foi criado o projeto “Meu corpo, nosso corpo, seu corpo”, no qual, foi incorporado como conteúdo transversal, no campo disciplinar das regências aplicadas. Produzindo em sala de aula um diálogo interdisciplinar, superando a mera reprodução de conhecimentos acabados (Soligo & Azzi, 2006).

Partindo desse pressuposto, a escolha do tema das regências aponta para elementos presentes no ambiente escolar que muitas vezes são perceptíveis aos que vivenciam este contexto, contudo, tornam-se velados na medida em que não são

verbalizados. Deste modo, vale sublinhar alguns exemplos que ocorreram durante as regências que ilustram questões que não são ditas no cotidiano escolar, mas que todos têm conhecimento.

Na terceira regência, em que se discutiu sobre a importância de não permitir que outras pessoas toquem em seu corpo, várias alunas relataram situações em que já foram tocadas por outras pessoas, inclusive pelo próprio pai, em um dos relatos. Durante a discussão, uma das alunas contou que a irmã foi assassinada pelo próprio namorado e professora narrou a história de um moço, que leva as crianças para a escola em sua van, sempre assediando as alunas e lhes dando balinhas e sobre o fato de ter engravidado uma destas crianças, cabe ressaltar que a menina que engravidou tem *síndrome de Down*.

Os exemplos citados, além de evidenciarem questões que ocorrem no cotidiano escolar, ilustram outra possibilidade de atuação do professor de psicologia nas instituições, que dizem respeito às perspectivas preventivas. Segundo Oliveira; Marinho-Araújo (2009) cabe ao professor de psicologia também realizar intervenções preventivas que busquem antecipar determinado fenômeno com o intuito de evitar sua ocorrência. Durante as regências em que emergiram estas situações problemas que ocorrem no dia-a-dia da escola, objetivou-se aconselhar

e alertar os alunos sobre os riscos e cuidados que deveriam ter frente a estas questões.

As regências em sala de aula possibilitaram um espaço aberto para discussões e questionamentos, onde as crianças expressavam seus pensamentos e dúvidas de maneira informal, por meio de rodas de conversas. Neste sentido, a função do professor de psicologia no âmbito escolar é garantir e mediar esse território aberto de debates, além de promover, com os alunos, reflexões que caminhem para a “apropriação de significados sociais e para a desconstrução de determinismos e paradigmas sociais” (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.48).

Na primeira regência, quando os alunos descreveram as partes e os cuidados com o corpo humano, percebe-se a diversidade cultural, social e econômica, presente em um mesmo contexto. Durante a atividade, observou-se que muitos alunos não demonstravam ter cuidados com seu corpo, uma vez que, “tomar banho” foi o único cuidado higiênico citado pela maioria. Sendo assim, os desenhos do próprio corpo e os cuidados que os alunos demonstravam possuir com ele, expressam a heterogeneidade de cada sujeito.

Conforme Dayrell (1996, p. 140) os alunos devem ser considerados sujeitos socioculturais, “com visões de mundo, escala de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de

comportamento e hábitos que lhe são próprios” e que devem ser compreendidos em suas diferenças e vivências.

Já na segunda regência, observaram-se questões referentes à inclusão escolar no momento em que os alunos se dividiam para formar grupos e posteriormente realizarem em conjunto o desenho do corpo de humano. Inicialmente, houve alunos que se recusaram a fazer parte de determinados grupos, assim como, alunos que ficaram sem nenhum grupo. Após organizar esta divisão, perceberam-se dificuldades de cooperação entre os grupos, uma vez que alguns membros não permitiam a participação de outros na atividade.

Nestas situações, cabe ao profissional de psicologia buscar maneiras de viabilizar a inclusão social, intervir apontando para as diferenças individuais e caminhando contra a discriminação e o preconceito. Além disso, é função do professor de psicologia trabalhar temáticas como inclusão de pessoas e participar da formulação das políticas públicas educacionais, “problematizando os princípios, os valores e as condições institucionais presentes no cotidiano da escola em que participam todos os envolvidos na comunidade escolar” (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.34).

A formação do professor de psicologia é um campo no qual a escola

pode usufruir de novas possibilidades de reflexões e intervenções com os alunos, possibilitando a convivência em grupo e ensinando o respeito às singularidades de cada aluno. O professor de psicologia, em suas aulas, trabalha de forma a lidar com a subjetividade de cada criança e da sala em coletivo, no qual os alunos têm oportunidade para falarem de si, fato que ocorreu no desenvolvimento das três regências, nas discussões feitas na sala, trocaram experiências e sentimentos. Além de desenvolver com os alunos a aprendizagem de se trabalhar em grupo e ampliar as formas de resolverem seus conflitos e lidar com a diferença, experiência que foi realizada em uma das regências com os desenhos em grupo.

Considerações Finais

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a realidade escolar de uma instituição de ensino público e realizar regências em sala de aula. Além refletir sobre o papel do professor de Psicologia; realizar observações em sala de aula e elaborar plano de aula. Tais objetivos foram alcançados com êxito em nosso trajeto.

Em nossa prática, na sala de aula, pudemos vivenciar toda a trajetória de observação e reflexão acerca da escolha do

tema para ser discutido com os alunos, através das observações, entrevista, e análise do Projeto Político Pedagógico. E após o recolhimento dos dados, foram elaboradas as regências que atenderiam os alunos em suas demandas.

Além disso, trabalhamos temas transversais, a partir de um diálogo interdisciplinar com os alunos, considerando o contexto em que estes estão inseridos, referentes ao bairro e a escola, levantando assim um espaço nas regências para questionamentos, reflexões e transformação de pensamentos. O trabalho elaborado em grupo e as relações interpessoais discutidas também proporcionaram experiências superar os determinismos sociais que estavam circunscrevendo aquela sala, além de destacar que cada criança é singular.

Desta forma, é imprescindível que a comunidade escolar se conscientize da importância dessa formação do professor em psicologia, pois esta nos trouxe a compreensão deste assunto que muitas vezes é pouco referido nas universidades, em que tivemos a oportunidade também de aprofundarmos no tema e desenvolver habilidades de pesquisa, seleção de dados e elaboração de planos de aulas, assim como ampliar nosso contato com os discentes e conhecer sua realidade como professores.

Referências

- Antunes, M.A.M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Revista da ABRAPEE*.V.12, n.2. Recuperado em 11 junho, 2015 de <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S141385572008000200020&pid=S1413-85572008000200020&pdf_path=pee/v12n2/v12n2a20.pdf&lang=pt>.
- Araújo, C.M.M. (2010). *Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção*. Brasília, v.23, n.83, p.17-35. Recuperado em 11 junho, 2015, de:<<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1631/1297>>.
- Barros, C. C. (2007). Reflexões sobre a formação de professores de Psicologia. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 33-39. Recuperado em 17 fevereiro, 2016, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2007000100005&lng=pt&nrm=iso>.
- Cardona, F. (2010). *Transdisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Multidisciplinaridade*. Recuperado em 28 abril, 2016, de <<http://www.webartigos.com/artigos/transdisciplinaridade-interdisciplinaridade-e-multidisciplinaridade/34645/>>.
- Cirino, S.C., Knupp, D.F.D. & Lemos, L.S. (2007). As novas diretrizes curriculares: uma reflexão sobre a licenciatura em Psicologia. *Temas em Psicologia*. 15 (1), p. 23-32.
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Referências técnicas para Atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica* / Conselho Federal de Psicologia - Brasília: CFP.
- Dayrell, J. (1996). A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, J. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, UFMG, p.137-161.
- Escola Municipal Deputado Wilson da Paixão. (2013) *Projeto Político- Pedagógico*. Catalão.
- Gerhardt, T. E.& Silveira, D. T. (Orgs.) (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. (Educação a Distância, 5). Recuperado em 23 fevereiro, 2017 de, <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>.
- Godoy, A.S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*. São Paulo, 35(3), p.20-29. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>
- Klinko, J. & Sekkel, M.C. (2010). Psicologia no ensino médio: sobre os desafios de ser professor. *Psicol. Ensino & Form.*, Brasília, 1(2), p. 73-83. Recuperado em 28 abril, 2016, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000200007&lng=pt&nrm=iso>.
- Minayo, M.C. A. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO.

- Neto, C.O. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Deslandes, S. F; Neto, O. C; Gomes, R. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 51-66.
- Oliveira, C. B. E. de & Marinho-Araújo, C. M. (2009). Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos e pesquisas em psicologia*. V.9 n.3. Recuperado em 21 fevereiro, 2016, de <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9075/7475>>.
- Prestine, S.A.M.M. (2005). *Transversalidade e temas transversais na formação inicial do professor de matemática*. Curitiba. PR. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Universidade Federal do Paraná, 89f.
- Sadalla, A.M.F.A; Bacchiegga, F; Pina, T.A. & Wisnivesky, M. (2012). Psicologia, Licenciatura e Saberes Docentes: identidade, trajetória e contribuições. In: Azzi, R. G; Sadalla, A. M. F. A. *Psicologia e Formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do psicólogo. p.47-92.
- Santos, R. (2009). Família e escola no processo contemporâneo de socialização primária: Reflexão sociológica sobre representações e expectativas institucionais. In: Elias N.; Goettert J. D.; Sarat M. (Orgs). *Tempos e espaços civilizadores: diálogos*. Dourados, MS. Editora da UFGD, p. 156-167
- Soligo, A.F. & Azzi, R.G. (2006). *Psicologia no ensino médio: desafios e perspectivas*. Recuperado em 11 junho, 2015, de <http://www.abrapee.psc.br/documentos/Texto_Base_Eixo_4_Ensino_Medio.pdf>.
- Zendron, A.B. F., Kravchychyn, H., Fortkamp, E. H. T. & Vieira, M. L. (2013). Psicologia e educação infantil: possibilidades de intervenção do psicólogo escolar. *Barbaroi*, Santa Cruz do Sul, n. 39,dez, p. 108-128. Recuperado em 16 dezembro, 2016, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000200012&lng=pt&nrm=iso>.

As autoras:

Thallita Moreira Ribeiro Cardoso é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, formação em Psicologia Cognitivo Comportamental. Cursando pós-graduação na área de Psicologia de Trânsito, e-mail: thallita_car@outlook.com

Mariana Cotrim da Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, e-mail: cotrimmariana.s@gmail.com

Janaina Cassiano Silva é doutora em Educação (UFSCar- 2013). Mestre em Educação Escolar (Unesp/Araraquara- 2008). Graduada em Psicologia (Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo) pela Universidade Federal de Uberlândia (2005). Professora Adjunta, DE, no curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão e no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDUC - UFG/ Regional Catalão, e-mail: janacassianos@gmail.com

Recebido em: 28/11/2017.

Aprovado em: 18/03/2018.